

Com esse tipo de escolha – aliás, demasiado usuais nas traduções de textos teóricos entre nós – Vera produz um tipo de texto que está talvez mais de acordo com o padrão de textos argumentativos brasileiros do que de Leopardi, que em seus escritos críticos e teóricos não parece privilegiar um léxico arcaico ou raro. Ao contrário, apesar de toda a sua erudição, sempre defendeu (inclusive no *Zibaldone*) a tese de que a

Obras completas II, de Jorge Luis Borges, tradução de Sérgio Molina, Josely Vianna Baptista, Leonor Scliar-Cabral, Nelson Ascher, Carlos Nejar & Alfredo Jacques e Hermilo Borba Filho. São Paulo: Globo, 1999, 565 pp.

Este segundo volume das chamadas *Obras completas* de Borges em português saiu em 1999, junto com o primeiro volume, no centenário de nascimento do escritor portenho. Nestes dois anos, muita água passou por baixo da ponte das edições borgianas e pudemos assistir a um verdadeiro frenesi de publicação de inéditos, fenômeno parecido com o que sucedeu a Fernando Pessoa, há alguns anos. Como o anterior e os posteriores, este volume não traz notas, o que é uma pena – Borges sensatamente anotado fica melhor ainda, como provam edições inglesas e francesas recentes (por exemplo, os dois tomos das *Oeuvres complètes*, collection la Pléiade, publicados em 1993 e 1999 e os volumes *Collected Fictions*, em nova tradução de Andrew Harley e *Selected Non-Fictions*, organizado por Eliot Weinberger, ambos editados pela Viking em 1998 e 1999 respectivamente). Nele está reunida a produção publicada em livros entre 1952 e 1972, ou seja, entre os 53 e 73 anos do autor de *Ficciones*, que estava em plena maturidade intelectual e começava a cair no gosto do público internacional, tornando-se o escritor mais festejado do mundo.

Borges, como se sabe, praticou vários gêneros literários, menos justamente o hegemônico em sua época, o romance. Aqui estão reunidos um livro de ensaios, *Otras inquisiçōes* (*Otras inquisiciones*), vários livros de poemas (alguns com poemas em prosa ou minicontos poéticos) e um de contos, *O informe de Brodie* (*El informe de Brodie*). Entre estes destaca-se *Otras inquisiçōes*, o melhor livro de ensaios borgianos, segundo parecer unânime da crítica, e cuja tradução, realizada por Sérgio Molina, revela um traço predominante das traduções do volume e, em geral, das traduções brasileiras do espanhol e do gênero ensaio: o literalismo como principal procedimento. A acumulação das transposições literais empresta ao conjunto desses exemplares ensaios borgianos um tom arcaizante ausente do original e estranho à poética do Borges maduro. Os exemplos são inúmeros em que o tradutor escolhe, por comodidade ou prudência, o grafologicamente mais próximo: assim *legendario* dá *legendário* (no célebre “A muralha e os livros”, p 10) e “*revisan* la biblioteca” é recriado como “*revistam* a biblioteca” (no citadíssimo “Magias parciais do *Quixote*”, p 49). Muitas

vezes esse literalismo é plenamente justificado e sinaliza sensibilidade estilística, como quando produz “Clemente de Alexandria escreveu seu receio” para o original “Clemente Alejandrino escribió su recelo”, enquanto que a última tradução em inglês (de Eliot Weinberger) preferiu normalizar a combinação heterodoxa borgiana de “escribir” e “recelo” através da seqüência “wrote about his distrust”.

É em *Outras inquisições* onde se sente mais a falta de uma edição anotada (neste momento só disponível em francês, nos dois volumes das *Oeuvres complètes*, publicados na coleção *La Pléiade*), pois nos ensaios que compõem o volume Borges faz uso sistemático e inteligente de sua peculiar mas séria erudição (e não de mentirinha, como quer uma lenda persistente). Se essa erudição é realmente vasta e impressionante, Borges minora um pouco o seu impacto ao traduzir a imensa maioria das citações e alivia o esforço de leitura ao não abarrotar o texto com referências bibliográficas minuciosas. Borges, como sempre, traduz de forma acurada e astuta, o que acarreta em muitos casos um distanciamento do texto de partida, por motivos lingüísticos

ou expressivos. Ora, se as opções de Borges são apropriadas para o espanhol, isso não quer dizer que possam ser diretamente transferíveis ao português. Melhor teria sido o tradutor – ou a equipe que editou o volume – controlar cada passagem do texto citado, em sua língua original. Há uma década isso seria um trabalho insano, não hoje quando boa parte dos autores citados por Borges tem seus textos disponíveis na *Internet*. Dois exemplos bastam para ilustrar o ponto. Em “Historia de los ecos de un nombre” (“História dos ecos de um nome”). Borges conta, referindo-se a Jonathan Swift:

En 1717 había dicho a Young, el de los *Night Thoughts*: “Soy como ese árbol; empezaré a morir por la copa.”

No ensaio “Conjectures on Original Composition”, publicado pela primeira vez em 1759, Edward Young cita Swift dizendo:

“I shall be like that tree, I shall die at top.”

O tradutor, que não parece ter consultado o original inglês, segue literalmente a tradução um tanto livre de Borges, mas no processo perde a graça sonora do texto espanhol, alcançada através de uma

leve adaptação às idiosincrasias da língua espanhola e do estilo borgiano:

Em 1717 dissera a Young, o dos *Night Thoughts*: “Sou como esta árvore; começarei a morrer pela copa.”

Quando o autor pratica muito os jogos de som e sentido, a diferença, naturalmente, cresce, como nesta passagem do mesmo “História dos ecos de um nome” em que Borges cita um trecho de Shakespeare:

La trampa se descubre, el hombre es degradado públicamente y entonces Shakespeare interviene y le pone en la boca palabras que reflejan, como en un espejo caído, aquellas otras que la divinidad dijo en la montaña: “Ya no seré capitán, pero he de comer y beber y dormir como un capitán; esta cosa que soy me hará vivir.”

Borges se refere aqui à cena III do Ato IV de *All’s Well that Ends Well*, onde Parolles diz, na característica *crafted language* de Shakespeare:

Captain I’ll be no more;
But I will eat and drink, and
sleep as soft
As captain shall: simply the

thing I am
Shall make me live.

Sérgio Molina segue a tradução de Borges passo a passo, inclusive na transformação dos versos em linhas de prosa, mas adaptando o poético “esta cosa que soy” ao pálido “isto que sou”:

O ardil é descoberto, o homem é degradado publicamente, e então Shakespeare intervém e põe em sua boca, como em um espelho caído, aquelas outras que a divindade pronunciou na montanha: “Não serei mais capitão, mas hei de comer e beber, e dormir como um capitão; isto que sou me fará viver.”

Seguir mais ou menos literalmente Borges traduzindo Shakespeare pode ser uma perda, mas parece resultar em mais invenção verbal do que a de outras traduções diretas do Bardo, como a seguinte, disponível no endereço <http://www.jahr.org/nel/shake/bem.htm> em 03/07/01:

Foi-se o título de capitão; mas como qualquer deles vou tratar de comer, beber e ao sono calmamente entregar-me. Minha vida vai depender, de agora em diante, apenas do que realmente sou.

O outro livro de prosa do volume, *O informe de Brodie*, traduzido inicialmente por Hermilo Borba Filho e revisto nesta edição por Maria Carolina de Araújo e Jorge Schwartz, mostra um texto um tanto atrapalhado e não por acaso, porque é na prosa onde Borges realmente excede. Como em outros textos, a revisão se caracteriza, de um lado, por certa ânsia de correção e, por outro, de reaproximação ao texto-fonte. Isso fica claro no primeiro parágrafo de “A intrusa”, em dois nomes próprios: onde a versão do primeiro tradutor trazia (talvez por distração) “o mais moço dos Nelson” temos agora, o correto “o mais moço dos Nilsen” e onde trazia o abrigado “Cristiano” temos agora o castelhano “Cristián”, dentro, aliás, de um quase consenso atual entre tradutores no tratamento dos nomes estrangeiros. Essa opção “estrangeirizante” (defendida ardentemente por teóricos em voga como Lawrence Venuti) convence menos em outros momentos, como quando, ainda em “A intrusa” o pouco feliz “quartos mal tratados” do primeiro tradutor se torna o desengonçado “quartos desmantelados” dos revisores, tudo por seguir à risca uma política de acompanhar palavra por palavra a

peculiar escolha de Borges. Mas se “habitaciones desmanteladas” funciona à maravilha em espanhol, inclusive por sua sonoridade (duas vezes cinco sílabas, duas vezes paroxítonas, repetição de *t e s*) em português parece pobre, tanto em termos de som (falta a simetria de sílabas) como de sentido (“desmantelar” em português brasileiro tem uma distribuição de uso diferente do congêneres espanhol que, para complicar as coisas, tem uma grafia idêntica). Acresça-se o fato de que “desmantelado” pertence a um conjunto de unidades lexicais freqüentemente usado por Borges, muitas vezes como sinônimo de subdesenvolvimento ou atraso, como no sintagma, tantas vezes repetido, “desmantelada república”.

O fazedor recolhe o melhor dos textos curtos em prosa de Borges, meio narrativos, meio poéticos e que são na verdade uma versão particularmente sofisticada do gênero conhecido, depois de Baudelaire, como poema em prosa. O original, *El hacedor*, foi publicado em 1960 e foi editado primeiramente entre nós pela Bertrand Brasil, em tradução de Rolando Roque da Silva. A tradução que consta do presente volume é nova, de Josely Vianna Baptista, conhecida por sua tradu-

ção de *Paradiso*, de Lezama Lima. “Borges e eu”, pequeno poema em prosa, que é talvez o escrito curto mais citado de Borges, permite uma comparação ilustrativa dos dois tradutores. Josely é mais precisa que Rolando quando, por exemplo, escolhe (talvez depois de consultar um nativo) “portão gradeado” para o problemático item “puerta cancel”, traduzido como “porta envidraçada” por Rolando. Mas é no ritmo da frase e na escolha dos epítetos exatos ou chamativos e no delicado equilíbrio de registros de língua, tão típicos do escritor argentino, que ambas as traduções tropeçam um pouco, como sugere a seguinte frase de outro texto compactíssimo, “*Inferno*, I, 32”:

No sabía, no podía saber, que
anhelaba amor y crueldad y
el caliente placer de
despedazar y el viento con
olor a venado, pero algo en
él se ahogaba y se rebelaba

Não sabia, não podia saber,
que anelava amor e crueldade
e o caloroso prazer de
despedaçar e o vento com
odor a cervo, mas algo nele
se afogava e se rebelava
(Rolando)

Não sabia, não podia saber,
que ansiava por amor e
crueldade e pelo vento com
carne de veado, mas algo nele
se sufocava e se rebelava
(Josely)

Paradoxalmente, Borges parece usar mais recursos poéticos em sua prosa do que em seus versos. Em consequência, sua poesia, ao contrário do que acontece com a maioria dos poetas do mundo, não só sobrevive mas costuma crescer nas traduções. É o que acontece, em geral, com seus poemas traduzidos ao inglês e é o que acontece também neste volume, sobretudo em *O outro, o mesmo* (*El otro, el mismo*), obra de uma tradutora especialmente atenta aos efeitos de som, como é Leonor Scliar-Cabral, que em “Limites” (“Límites”) fecha o poema com um verso de sabor camoniano “Espaço e tempo e Borges me deixando” que melhora o original “espacio y tiempo y Borges ya me dejan”.

Se Borges inaugurou um novo tipo de frase (ou uma nova inflexão de frase) em espanhol, não fez o mesmo em relação ao verso, onde sua contribuição parece menos importante que a de contemporâneos como Vicente Huidobro, Nicanor Parra ou César Vallejo. Mas há um setor humilde do ver-

so onde Borges foi um mestre ocasional, talvez porque é nele que pôde dar vazão a duas de suas principais preferências literárias: o épico e a brevidade da forma. Este setor é o das letras de milongas, reunidas no breve livro *Para as seis cordas (Para las seis cuerdas)*, presentes neste volume na tradução de Nelson Ascher. Ascher, que já nos brindou, em brilhante colaboração com Boris Schnaiderman, os trabalhados versos de Púchkin (*A dama de espadas – prosa e poemas*, São Paulo, Editora 34, 1999) lutou com versos de melhor acabamento e, portanto, mais rebeldes à recomposição em outra língua. Uma boa amostra da qualidade poética da milonga borgiana e do sucesso relativo de Ascher está no seguinte quarteto da excelente “Milonga de dos hermanos”:

Velay, señores, la historia
de los hermanos Iberra,
hombres de amor y de guerra
y en el peligro primeros,
la flor de los cuchilleros
y ahora los tapa la tierra.

Ouçam, senhores, a história
De dois irmãos, os Iberra,
Homens de amor e de guerra,
Gente incapaz de ser fraca,
Flor dos que lutam a faca,
Mas hoje os recobre a terra.

Finalmente, nos dois outros livros de poemas do volume, *Elogio da sombra (Elogio de la sombra)*, traduzido por Carlos Nejar e Alfredo Jacques e *O ouro dos tigres (El oro de los tigres)*, traduzido por Josely Vianna Baptista temos um texto correto, que se sustenta mais no conjunto, sempre imponente como meditação estético-filosófica sobre a vida e a morte, do que nos versos em si, com frequência boa prosa versificada – como no original.

Com seus altos e baixos, este livro, que contém sete livros em um cômodo e barato volume de capa dura, deve ser saudado como um acontecimento para todo admirador de Borges e para todos os que teimam em seguir gostando do grande texto literário, aquele que pode ser lido, degustado e traduzido infinitamente.

Walter Carlos Costa

Outras praias/ 13 Poetas Brasileiros Emergentes -Other Shores / 13 Emerging Brazilian Poets. Antologia bilingüe organizada e editada por Ricardo Corona. São Paulo: Editora Iluminuras, 1998, 300 pp.
